

A Adaptabilidade - continuação

Apresentaremos resumidamente a 2ª fase mencionada no **Cap. 5**, da dissertação. Os atos terroristas do 9/11 trouxeram fama à al-Qa'ida, na forma de confirmação da sua autoridade e capacidade operacional. Embora a al-Qa'ida já tivesse fornecido combatentes para o Norte do Cáucaso em 95¹, a situação intensificou-se com a segunda guerra da Chechénia. Estrategicamente aliciados pelo manto da al-Qa'ida os separatistas chechenos, que até então mantinham a sua retórica islâmica centrada apenas na região², começaram a adotar a retórica global da organização de Bin Ladin, visível através das publicações nos seus websites, com referências à *jihad* em nome de Allah³. Não foram os únicos. A legitimidade consequencial do 9/11 forneceu à al-Qa'ida um período de grande prosperidade, que serviu para expandir vastamente a rede da organização. Mas também trouxe atenções indesejadas, como se verificou com a invasão americana do Afeganistão.

Após a queda do regime Taliban pelas mãos dos americanos, a al-Qa'ida perde o seu santuário, e é obrigada a retirar, entrincheirar nas áreas montanhosas tribais e dispersar. A *GWOT* obrigou a liderança da al-Qa'ida a drásticas adaptações ao novo ambiente operacional. Primeiramente, retirou vantagem das alianças formadas, que se tornaram indispensáveis à sua sobrevivência e mobilidade. Frente aos meios de deteção eletrónica do inimigo tecnologicamente superior, a al-Qa'ida retrocedeu no tempo. Os meios de comunicação eletrónica, especialmente com a estrutura de liderança foram desaprovados e proibidos, e substituídos por mensageiros humanos⁴. No entanto, o carácter racional e pragmático de Bin Ladin traduziu-se numa regularização imediata dos níveis de acesso destes mensageiros humanos, que ficaram organizados de uma forma idêntica às células terroristas. Um mensageiro humano dedicado às operações não tinha conhecimento de outros mensageiros, por exemplo, ligados à estrutura de topo ou finanças⁵. Inicialmente a organização tinha uma vontade tão explícita de reduzir os meios de comunicação eletrónica e evitar a deteção, que chegou a instituir que sempre que possível, os mensageiros não deveriam transportar as mensagens em nenhum formato

¹ Elena Pokalova, 'The Al Qaeda Brand: The Strategic Use of the "terrorist" Label', *Terrorism and Political Violence*, 0.0 (2016). p. 7

² *Idem*, p. 7

³ *Idem, ibidem*, p.8

⁴ Rohan Gunaratna and Anders Nielsen, 'Al Qaeda in the Tribal Areas of Pakistan and Beyond', *Studies in Conflict & Terrorism*, 31.789181513 (2008).p. 781

⁵ *Idem*, p. 781

físico, mesmo papel, deveriam sim memorizá-las⁶. É dedutível, consoante o apresentado, que os tempos de execução e eficácia das operações sofreram constrangimentos.

Para contornar esta situação, a al-Qa'ida começa a conceder mais autonomia no planeamento e decisão de ação tanto a grupos como indivíduos⁷. No primeiro caso a atuação da organização passou para um patamar mais à retaguarda, no sentido de financiamento e apoio logístico, como o caso dos atentados em Londres, a 7 Julho 2005⁸, permitindo assim que o foco das atenções também fosse partilhado, ao invés de quase exclusivamente se centrar na liderança da al-Qa'ida. Bin Ladin fez questão de passar esta mensagem de iniciativa a nível das células locais, através do culto dos atentados suicidas e do martírio⁹. Ou seja, a passagem de meios e apoio intensificou-se, para que grupos no Norte de África e Sudeste asiático¹⁰, e células adormecidas na Europa pudessem atuar, continuando assim a sua estratégia de atacar inimigos próximos e longínquos¹¹, mantendo um elevado nível de *OPSEC*¹².

Esta ação dificulta a missão das forças ocidentais, uma vez que lhes nega um alvo estático e físico, tendo consequência no nível de eficiência das ferramentas cinéticas, seja das forças armadas ou das forças de segurança¹³.

Pouco tempo depois da invasão ao Afeganistão, e após algum tempo nas áreas tribais, a al-Qa'ida muda boa parte da sua estrutura de decisão para as *FATA*¹⁴ no Paquistão, perto da fronteira com o Afeganistão, fazendo uso das alianças com os Taliban, onde se mantém até mesmo após a morte de Bin Ladin. Aqui a organização conseguiu mais uma vez tirar partido da sua escolha estratégica. Falamos na formação de alianças com grupos terroristas em países francamente subdesenvolvidos, com altos níveis de corrupção e com um longo historial de grupos opositores dos governos nacionais¹⁵. Além de não confrontar diretamente os grupos locais ou regionais, a al-Qa'ida faz uma manobra extremamente pública, ao negar toda e qualquer associação com o ISIS. Para acentuar

⁶ *Idem, ibidem*, p. 781

⁷ Romain Bartolo, 'Decentralised Leadership in Contemporary Jihadism: Towards a Global Social Movement', 2011, 2.1 (2011). p. 11

⁸ Paul Cruickshank and Mohannad Hage Ali, 'Abu Musab Al Suri: Architect of the New Al Qaeda', *Studies in Conflict & Terrorism*, 30.1 (2007). p. 9

⁹ Assaf Moghadam, 'How Al Qaeda Innovates', *Security Studies*, 22.3 (2013). p. 481

¹⁰ Rohan Gunaratna, 'The Post-Madrid Face of Al Qaeda', *Washington Quarterly*, 27.3 (2004). p. 93

¹¹ Gunaratna. p. 92

¹² Brad McAllister, 'Al Qaeda and the Innovative Firm: Demythologizing the Network', *Studies in Conflict & Terrorism*, 27.December 2003 (2004). p. 302

¹³ Audrey Kurth Cronin, 'Chapter Three: Ending Al-Qaeda', *The Adelphi Papers*, 47.394 (2007). p. 57

¹⁴ Gunaratna and Nielsen. p. 782

¹⁵ Sreedhar, 'Pakistan-Taliban-Al Qaida: New Trends in Terrorism and Violence', *Strategic Analysis*, 25.April (2001). p. 1024

esta posição, reforça por outro lado a filiação com a *Jabhat al-Nusra* na Síria, que, entretanto, muda o nome para *Nusra Front*¹⁶. Este grupo confirma a sua filiação com a al-Qa'ida já sob o comando de Zawahiri, e embora não entre em confronto direto com o ISIS no TO da Síria, goza de um oficioso pacto de não agressão, enquanto continua a representar os interesses da al-Qa'ida¹⁷.

Como é possível observar, a al-Qa'ida comprova ser uma organização resiliente, cujos discursos montados sob a *jihad* contra o Ocidente, a proteção da *ummah* e a união de todos os territórios islâmicos, continuam a surtir vantagens. Um pouco como um organismo biológico¹⁸, um vírus, esta adapta-se a cada obstáculo que encontra, permanecendo uma organização terrorista, e talvez a mais, difícil de contrariar e combater com verdadeira eficácia, e daí que continue a expandir através de movimentos mais discretos, reforçando antigas alianças e usando novas táticas.

¹⁶ George Joffe, 'The Fateful Phoenix: The Revival of Al-Qa'ida in Iraq', *Small Wars and Insurgencies*, 27.1 (2016). p. 8

¹⁷ Clarke, Colin P. (2017) – "Al Qaeda in Syria Can Change its Name, but Not Its Stripes". *Rand Corporation*, <https://www.rand.org/blog/2017/03/al-qaeda-in-syria-can-change-its-name-but-not-its-stripes.html> consultado em 22 Março 2017

¹⁸ Xavier Raufer, 'Al Qaeda: A Different Diagnosis', *Studies in Conflict & Terrorism*, 26.May (2003). p. 392